

HISTÓRIA DAS RELAÇÕES DA SOCIEDADE COM AS DEFICIÊNCIAS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

SÉCULOS XV A XVIII

Este é um período marcado por uma série de mudanças. Os empreendimentos comerciais, impulsionados pelos interesses econômicos, curiosidade e experimentação dos navegantes, contribuíram para a afirmação de nova classe social, a burguesia.

Com a burguesia se afirma uma preocupação maior pela coisas ligadas ao humano, como o corpo, por exemplo. Isso se expressa bem na arte do Classicismo, o que fica evidente no cuidado com a anatomia e fisiologia. São desse momento as belas produções de pintura e escultura, seguindo os padrões de beleza dos gregos e romanos.

"No que se refere à deficiência, começam a surgir novas ideias quanto à organicidade de sua natureza, produto de infortúnios naturais, conforme Paracelso (1493-1541), Cardano (1501-1576) e jurisprudência de Sir Anthony Fitz-Hebert (Pessotti, 1984, págs. 14-17). Assim concebida, passou a ser tratada através da alquimia, da magia e da astrologia, métodos da incipiente medicina.

"O primeiro hospital psiquiátrico surgiu nessa época e se proliferou, mas da mesma forma que os asilos e conventos, eram lugares para confinar, ao invés de tratar as pessoas. Tais instituições eram pouco mais do que prisões.

"(...) As relações da sociedade com a pessoa com deficiência, a partir desse período passou a se diversificar, caracterizando-se então por diferentes tipos de iniciativa: de Institucionalização Total, de tratamento médico e de busca de estratégia de ensino.

"(...) A deficiência mental continuava sendo considerada hereditária e incurável e assim, a maioria das pessoas com deficiência mental eram relegadas a hospícios, albergues ou cadeias locais. Pessoas com deficiência física 'ou eram cuidadas pela família ou colocadas em asilos'.

(...)"

"Na Medicina, o século XVIII foi um período mais de assimilação e de consolidação do conhecimento já produzido, do que de grandes descobertas. Lentos avanços no conhecimento da fisiologia, da bioquímica e da patologia foram obtidos e assim, sementes foram plantadas para o desenvolvimento do campo da medicina preventiva." (ARANHA, 2001, p. 163-164).

Com relação aos esforços voltados para o ensino dos surdos, o século XVII foi muito rico nesse sentido. Essa ação veio a se solidificar, posteriormente, durante o século seguinte.

Na resenha de "La increíble y triste historia de la sordera", de Carlos Sanchez, Fernandes (2011) observa: "O Renascimento (séculos XV e XVI), contexto em que o homem passa a ser definido como a medida para todas as coisas, em oposição ao determinismo teocêntrico do mundo feudal, traz significativas rupturas com as tradições ideológicas medievais e contextualiza as primeiras experiências coletivas de educação de surdos, em função do florescimento das cidades e da economia urbana e mercantil que se instaurava.

"Sánchez aponta a confiança filosófica que se tinha no potencial humano, que impulsionou um desenvolvimento de conhecimentos sem precedentes em todas as áreas, como princípio que contribuiu para atestar a hipótese da humanidade dos surdos, a despeito de possíveis limitações impostas pela surdez, derivando diferentes maneiras de educá-los e comprovar que os conhecimentos não são verdades imutáveis, mas construtos humanos."

Sanchez, ainda, apoiado nas análises de Foucault, "explica como a institucionalização em asilos, hospitais e manicômios, daqueles que se encontravam à margem do novo regime, operou como mecanismo de disciplinamento dos corpos e mentes por meio do confinamento e reclusão. A distribuição da marginalidade em espaços controlados permitiu exercer a vigilância e a repressão da massa de desocupados que não poderia ser incorporada pela manufatura emergente, ou resistia às regras do jugo capital-trabalho que capturava a mão de obra barata da população pobre que tomava as cidades.

"A institucionalização da anormalidade dos loucos, marginais, doentes, deficientes e surdos em cadeias, manicômios e escolas exigia a aplicação de uma pedagogia corretiva que buscava disciplinar corpos e mentes para adaptar-se a nova ordem. Para Sánchez, esse é o cenário institucional e ideológico da gênese do oralismo e de suas práticas de disciplinamento dos corpos surdos". (FERNANDES, 2011).

SÉCULO XV

Rudolph Bauer (1433-1485)

Em "De Inventione Dialectica" faz menção a um "surdo-mudo" que se comunicava por escrito. (SILVA, 1987, p.227). No século seguinte se intensificará o interesse pelas pessoas surdas e, principalmente, por sua educação e ensino de métodos de comunicação.

SÉCULO XVI

- O interesse pela antiguidade clássica leva a uma valorização do corpo. Nesse contexto a pessoa deficiente é alvo de interesse científico, principalmente na Medicina.
- As pessoas com deficiência intelectual, porém, eram ainda perseguidas e torturadas.
- Na chegada ao Brasil, os portugueses se depararam com sociedades em estágio diverso de desenvolvimento, os índios, com posturas específicas quanto à deficiência:
 - 1) A surdez poderia ser considerada como indicação da presença de espíritos bons ou maus.
 - 2) Em alguns povos o recém-nascido, que apresentava alguma anomalia, podia ser sacrificado.
 - 3) Comportamentos presentes, atualmente, entre alguns povos indígenas, relacionados a pessoas nascidas com deficiência, permitem-nos

considerá-los como próprios de suas culturas e, portanto, verificadas desde a chegada dos europeus.

SAIBA MAIS

OS PRIMEIROS HABITANTES DO BRASIL DIANTE DA DEFICIÊNCIA E DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Qualquer reflexão sobre a cultura indígena não pode ser dissociada da questão do mito: o cotidiano dos indivíduos e as regras sociais são fundamentadas na autoridade dos ancestrais. A consciência mitológica, então, se manifesta para além do sagrado, operando em todos os domínios da vida. As determinações divinas estabelecidas no cotidiano e nos rituais são seguidas sem contestação. Seu corolário é o tabu: a transgressão da norma redundando no castigo, que pode atingir o indivíduo ou toda a tribo. (ARANHA, 1993, p. 57). Assim era (e é ainda hoje, entre numerosos grupos) a cultura indígena, diferentemente da cultura europeia do século XVI, cristã e já com o selo do mercantilismo.

É nesse contexto e no âmbito da divisão do trabalho, para sobrevivência da tribo, que deveremos entender o comportamento de vários agrupamentos indígenas ao eliminarem recém-nascidos que apresentarem alguma deficiência ou, eventualmente, não acolhe

rem aqueles que se tornarem ou vierem a se tornar inúteis e pesados ao grupo.

Esse universo mítico indígena tem sido incompreendido e, pior, persiste ainda hoje, desde os idos da pós-conquista (entre as missões evangelizadoras, por exemplo) o entendimento dos mitos indígenas como expressões supersticiosas a serem transformadas no processo de aquisição da verdadeira fé. (SILVA, 2000, p. 317).

No momento do primeiro contato oficial com o homem europeu, os habitantes da terra são descritos genericamente como saudáveis e bem-aparentados. Casos de deformações são atribuídos a razões traumáticas e raros são os casos observados de deficiência. Essas afirmações são corroboradas já na carta de Caminha, nas de Anchieta e nos relatos dos primeiros viajantes, como Jean de Lery. (SILVA, 1986, p. 276).

A preservação do grupo como valor maior entre os índios aparece na obra de Frei Vicente do Salvador (1564?-1639?): “Testemunha sou eu de um que achei na Paraíba tolhido de pés e mãos, à borda de uma estrada, o qual me pediu lha desse uma vez de água, que morria de sede; sem os seus, que por ali passavam cada hora, lha quererem dar, antes lha diziam que morresse, porque já estava tísico, e não servia mais que pãera comer o pão aos sãos. (...), e daí a poucos dias morreu em um incêndio de uma aldeia, onde o mandei levar, sem haver quem o quisesse tirar da casa que ardia, vendo que não tinha ele pés nem força para se livrar.” (SALVADOR, 1982, p. 83).

Em suas pesquisas de campo entre os Bororo, Claude Lévi-Strauss nos dá indicações de que, entre eles, a deficiência pode estar ligada a elementos desagradáveis. É o caso dos espíritos que guiam as ações dos feiticeiros (“bari”). “Esses seres são descritos com aparências diversas e aterradoras: (...);

pernetas, de barriga grande e corpos com a penugem de morcegos” (LEVI-STRAUSS, 2001, p. 221).

PERSONAGENS REPRESENTATIVOS DO PERÍODO

Lutero, Martinho (1483-1546)

Para ele “o homem é o próprio mal quando lhe faleça a razão ou lhe falte a graça celeste a iluminar-lhe o intelecto: assim, dementes e amentes são, em essência, seres diabólicos” (In: ARANHA, 2001, p. 163). Em consequência disso, eram recomendados o açoitamento e a prisão como castigo para expulsão do demônio.

Jerônimo (ou **Gerônimo** ou **Hieronymus** ou **Jerome**) **Cardano** (ou **Cardanus** ou **Cardan**) (1501-1576)

Médico, matemático e astrólogo italiano. Questiona Aristóteles quanto à capacidade do surdo e inventa um código para ensinar os surdos a ler e a escrever.

Pedro Ponce de Leon (1520-1584)

Monge beneditino espanhol, muito dedicado à educação dos deficientes auditivos. Foi influenciado por Cardan. Há informações de que nunca escreveu sobre seu método. Suas pesquisas estavam sobretudo a serviço da corte espanhola.

Laurent Joubert (1529-1582)

Concordava com Aristóteles, no sentido de que “o homem é um animal social com habilidade para se comunicar com os outros homens”.

Escreveu sobre surdos. Para ele a habilidade existe em qualquer criança, mesmo as nascidas surdas, ou que venham a ser. Segundo ele, a criança com deficiência auditiva aprenderia a falar mesmo sem se ouvir.

(SILVA, 1987, p. 227-228).

1540 – Brasil - Data provável de instalação da Casa de Misericórdia de Olinda, considerada a primeira do Brasil. Entre outras coisas, as Casas de Misericórdia serviam de pronto-socorro, hospital e acolhimento de pessoas com “deformações”.

SAIBA MAIS

BRASIL: AS DEFICIÊNCIAS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AO TEMPO DA COLONIZAÇÃO

As condições gerais de vida nos primórdios da colonização brasileira, além dos enfrentamentos que os portugueses tiveram com os indígenas, com outros invasores e com uma natureza desconhecida e, muitas vezes, adversa, propiciaram o surgimento de inúmeros incapacitados, resultado de diferentes deficiências. Eram os “aleijados”, “mancos”, “cegos”, “surdos-mudos”, etc.

Principalmente os mais pobres (os “miseráveis”) estavam sujeitos a tais condições. Dependiam então, de iniciativas da Igreja que também, nesse

momento, estava se instalando nestas terras. Quanto aos mais abonados, mantinham os seus deficientes recolhidos, protegidos de eventos desagradáveis e da curiosidade geral.

As Casas de Misericórdia (provavelmente a primeira tenha sido construída em Olinda, em 1540) que foram aparecendo a partir do fim da primeira metade do século XVI, eram o único recurso para atender também a esses que iam sendo afastados da vida produtiva, marcados no corpo por sequelas indesejáveis e impeditivas para o cultivo e a defesa da terra, por exemplo.

Nessas Casas de Misericórdia se encontravam também as famosas “Rodas dos Expostos”. Nelas, mães desiludidas colocavam seus bebês, entre outros motivos, por apresentarem deficiências. Estas crianças eram criadas em instituições cuidadas por religiosos, quase sempre sem um convívio social normal.

Entre os males incapacitantes, comuns na época, podemos citar:

- 1. Cegueira noturna (ou: gota-serena), certamente causada pela alimentação pobre de vitamina A.*
- 2. Epidemias, como a febre-amarela, originária, quase sempre, da falta de higiene nos navios ou nos vilarejos de então.*
- 3. Lesões incapacitantes provenientes de acidentes, ataques de animais ou de batalhas.*

As condições dos primeiros exploradores do Brasil foram, enfim, muito difíceis e as marcas deixadas em muitos deles permaneceram como estigmas, isolando-os, muitas vezes, da convivência social. (SILVA, 1986, pp. 273-275).

SÉCULO XVII

PERSONAGENS REPRESENTATIVAS DO PERÍODO

1620 - Juan Pablo Bonet (1579–1629). Foi um padre espanhol, educador e pioneiro na educação de surdos. Publicou a primeira obra impressa sobre a educação de deficientes auditivos em 1620, em Madri, com o título “*Reducción de las Letras. Arte para enseñar a hablar a los mudos*”. Começa a pôr em prática as ideias defendidas no século anterior. Levantou questões sobre as causas da deficiência auditiva e problemas da comunicação oral. Segundo ele, o mutismo era causado basicamente pela surdez e algum eventual defeito na língua. Indicou a idade ideal para as crianças surdas aprenderem (6 a 8 anos). Segundo seu método, mestre e aluno atuavam a sós em ambiente iluminado: a instrução exigia toda a atenção possível e o aluno deveria ver a boca do mestre, dentro e fora. Criticou os métodos brutais da época: gritaria e enclausuramento do aluno surdo em caixas de ressonância. (SILVA, 1987, 242).

1648 – John Bulwer (1600-1650), inglês, foi, entre os educadores, um dos primeiros a defender a leitura labial, mas escreveu, também, sobre língua de sinais. Entre seus livros, destaca-se *Philocopus, ou o Amigo do Homem Surdo e Mudo*, de 1648, pioneiro entre as publicações em língua inglesa a relacionar a surdez com o problema de linguagem. Outro importante livro de sua autoria foi

Chirologia, ou a Linguagem Natural da Mão, de 1644. Seus estudos são fruto da observação de surdos conversarem por meio de gestos.

1677 – Simão Pinheiro Morão (1618 – 1695) , médico português, escreveu “*Queixas repetidas em Ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os Abusos Médicos que nas suas Capitânicas se Observam Tanto em Dano das Vidas de seus Habitadores*”. Destacam-se neste trabalho a “paralisia”, talvez resultado de acidente vascular cerebral e males provocadores de alguma perda de sensibilidade.

SÉCULO XVIII

- A pessoa com deficiência começa a ser alvo de sentimentos compassivos.
- A reabilitação e educação dessas pessoas também se tornam visíveis.
- Surgem hospitais e institutos educacionais para cegos e surdos.
- Educadores concluem pela necessidade do alfabeto manual para estabelecer uma comunicação com o surdo.

PERSONAGENS REPRESENTATIVOS DO PERÍODO

Diderot (1713-1784)

Autor de “Carta sobre o surdo e mudo para uso daqueles que ouvem e falam”.

John Conrad Amman (1699-1724)

Escreve em “*Dissertatio de Loquela*” (Tratado sobre a Palavra): “Meios pelos quais surdos e mudos desde o nascimento, podem conquistar a palavra. Aqueles que falam imperfeitamente podem aprender como corrigir suas dificuldades.”

Abbé de l’Epée - Padre Charles Michel Epée (1712-1789)

Viveu exatamente no período entre a Revolução Industrial (quando cidades inchavam com uma população que afluía em busca de trabalho) e a Revolução Francesa (quando as ideias políticas moviam as pessoas no sentido de agirem diante da opressão). Foi um personagem de grande importância na história da educação dos surdos. Fundou a primeira escola para surdos em Paris. Trabalhou no aperfeiçoamento da linguagem de sinais, valorizando-a como instrumento de comunicação entre seus alunos. Sua atuação tinha forte sentido político.

SAIBA MAIS

CHARLES MICHEL EPÉE (ABBÉ DE L’EPÉE)

O padre Charles Michel Epée - Abbé de L’Epée (1712-1789) nasceu em Versalhes.

Viveu durante um período muito importante da história, cheio de grandes acontecimentos. Basta citar dois para se perceber a densidade política e econômica daquele momento: a Revolução Industrial na Inglaterra em 1750 e a Revolução Francesa de 1789. O aparecimento das primeiras fábricas propiciava o afluxo de numerosas pessoas às cidades, resultando daí sérios problemas de aglomerações de desempregados.

A efervescência política frente a uma situação de desequilíbrio no exercício do poder político, colocava a insensível nobreza em oposição a uma burguesia cada vez mais senhora da economia.

Este cenário era o berço natural para as manifestações públicas de insatisfação, para o surgimento de lideranças, para a formação de grupos que compartilhavam as mesmas privações e expectativas.

Epée, sensível aos problemas que se multiplicavam, é especialmente tocado pelas dificuldades dos jovens e, dentre estes, os surdos. É no convívio destes que “o abade L’Epée percebe que os gestos cumpriam as mesmas funções que as das línguas faladas e, portanto, permitiam uma comunicação efetiva entre eles. E assim, inicia-se o processo de reconhecimento da língua de sinais, não apenas em discursos mas em práticas metodológicas oficiais desenvolvidas por ele na Primeira Escola Pública de Jovens e Adultos Surdos em Paris. Além disso, para o abade, os sons articulados não eram o essencial na educação dos surdos, mas sim, a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da língua de sinais, pois essa era a forma natural que possuíam para expressar suas idéias.” (Ver: “Trajetórias e movimentos na educação dos surdos” de Paulo César Machado e Vilmar Silva. O texto completo do artigo encontra-se na página da internet, adiante, acessada em 08 de abril de 2016.

<http://docplayer.com.br/14907472-Trajektorias-e-movimentos-na-educacao-dos-surdos.html>

“Em 1755 (Epée) reconhecia que a psicologia do surdo era diferente daquela da pessoa que ouvia. Fundou uma escola para educação dos surdos em Paris, aperfeiçoando a linguagem por sinais como meio para instrução e comunicação de seus alunos. Acreditava que era necessário fazer entrar pelos olhos dos surdos tudo o que o restante da sociedade absorvia por meio do som pela audição.” (SILVA, 1987, p. 256). Foi em 1770 que Epée fundou em Paris a primeira instituição específica para a educação dos surdos. Sua obra escrita mais importante foi publicada em 1776, com o título “A verdadeira Maneira de instruir os Surdos-Mudos”.

Enfim, a grande contribuição que Epée trouxe foi a de respeitar os surdos e o seu modo de comunicar-se. Ele tinha consciência de que os mesmos possuíam uma linguagem natural e, mais ainda, uma língua própria para se comunicar. Com isso, aprendendo a língua de sinais, ele procurou ensinar aos surdos sua própria língua, a francesa.

O padre francês, como grande educador, superou os métodos, frequentes então, de provocar o constrangimento do aluno, forçando-o à comunicação exclusiva pela fala.



PERSONAGENS REPRESENTATIVOS DO PERÍODO

Thomas Braidwood (1715-1806)

Influenciado pela obra do abade Epée, fundou em seu país, Inglaterra, uma escola para “surdos-mudos”.

Samuel Heinecke (1729-1790)

Também sob influência da obra do abade Epée, criou, na Alemanha, um instituto para educação de “surdos-mudos”. Foi criador de um “método oral” para lerem e falarem através dos movimentos dos lábios, chamado “leitura labial ou orofacial”.

Jacob Rodrigues Pereira (1712-1790)

Em torno de 1747 há registros de tentativas suas no sentido de ensinar surdos congênitos a se comunicar.

Valentin Haüy (1745-1822)

Fundou em 1784, em Paris, o “*Instituto Nacional dos Jovens Cegos*”. Para ensinar cegos a ler, criou um sistema de letras em relevo. As duas iniciativas de Haüy tiveram grande repercussão e influíram na criação de diversos institutos para educação de cegos em toda a Europa. Isto pelo fato de esses institutos se caracterizarem mais como instituições de ensino (ao invés de asilos) e pelas facilidades trazidas pelas letras em relevo no ensino de cegos.

Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1730-1814)

Distingue-se como um dos maiores artistas do Brasil. Entalhador e arquiteto, em torno dos 40 anos, foi atingido pela hanseníase. A doença comprometeu suas mãos e pés, mas não o impediu de edificar um dos maiores patrimônios do barroco no mundo. As deformações, que carregava, lhe explicam o famoso apelido, mas nunca lhe afetou o prestígio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993, 395 p.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência**, Revista do Ministério Público do Trabalho, Ano XI, nº 21, março, 2001, p. 160-173

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 400 p.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil 1500-1627**. 7 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, 437 p.

SANCHEZ, Carlos. La increíble y triste historia de la sordera. Merida, Venezuela: CEPROSORD, 1990 apud FERNANDES, Sueli. **La increíble y triste historia de la sordera por Carlos Sanchez**. Texto publicado na “Educar em Revista”, nº 41, em 2011, na internet, na página abaixo, acessada em 10 de maio de 2016:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000300017

SILVA, Aracy Lopes da. *Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos sócio-culturais indígenas*. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. 3 ed. São Paulo: Brasília: Global/MEC/MARI/UNESCO, 2000, p. 317-335

SILVA, Otto Marques da. **A epopéia ignorada - a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1987, 470 p.